

Officina de composição e impressão de  
MANUEL BAPTISTA TORRES  
R. DE S. MARTINHO  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR  
Manuel Baptista Torres  
Redacção e administração  
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 421

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1200. Semestre 650 réis. Brasil e Africa, anno 2400. Semestre, 1200 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

## FABRICANTES DE LEIS

Vivi dez mezes na cidade onde se faz o aprendizado das leis.

Observei de perto, quer assistindo a diferentes aulas, quer ouvindo diversas polemicas, como o ensino é feito e qual o fructo que lhe é proprio.

Deduzi que os alumnos da faculdade de Direito se dividem em tres grupos absolutamente distinctos:

1.º—Os que levam aquillo a sério e são baptisados pelo calão academico com o apodo de: ursos.

2.º—Os indifferentes que *chucham* com tudo o que cheira á faculdade de Direito.

3.º—Os inadaptaes que possuindo uma intelligencia humanamente desenvolvida, procuram a todo o transe incentivos de revolta.

Os primeiros quando *saem ursos de todo* levam na flor dos labios juridicos o commentario de Pascal:

«E' perigoso dizer ao povo que as leis não são justas; porque se elle as respeita é que as julga dictadas pela justiça. Por isso é preciso dizer-lhe tambem que se as acata é porque são leis; do mesmo modo como obedecerá aos seus superiores, não porque sejam justos, mas porque são superiores.»

Esses individuos são, na sua maioria, os que mais tarde, entram com pézinhos de lá no terreno governamental e em *travesti* de pastores de ovelhas ignorantes, fabricam de vez em quando uma leisinha a testemunhar o bem cabido da alouha academica.

Os do segundo grupo, passam pelo curso, como o azeite pelo vinagre, e ficam sem a mais leve noção de para que serve a ferramenta adquirida.

Os ultimos são os que se sentem mal dentro dessa engrenagem onde se diz aprender a justicar. Quanto mais se entranham no conhecimento das sciencias juridicas, mais notam a sua insuficiencia e quanto a base desse estudo é falsa por anti-scientifica.

De espirito esclarecido dia a dia vão descobrindo falhas, acabando por ver todo esse estudo saturado de livre-arbitrio—doutrina completamente condemnada pela verdadeira sciencia.

Então essas creaturas bondosas em extremo, não se furtam a apontar os males derivados do ensino archaico, interrogando constantemente:

- O que é Direito?
- O que é jurisprudencia?
- Que valor tem a palavra Sciencia aplicada a esses dois palavras?
- O que é justiça?

O assumpto é importantissimo. Vê-se que a obediencia tornou-se um factor indispensavel para manter o falso equilibrio social que se alimenta da passividade dos desherdados, dos trabalhadores, dos pobres em geral que hão-de viver muito áquem da linha de equidade.

Essa passividade adquire-se com a mentira, com as armas, com a privação dos direitos individuaes e muitas vezes com a morte.

Direito é... a maneira de cada qual definir essa abstracção, e, portanto o seu valor é d'uma elasticidade pasmosa.

Tenho á mão um dicionario, bem elementar por signal «Dicionario do Povo» que me dá tantas definições de Direito que aprovando a minha dada a trouxe-mouxe, garante ao frequê a livre escolha...

Outros dicionarios de mór valia dizem que Direito é: o que dicta a natureza; o que Deus ordenou; o que a Igreja definiu; o que os legisladores

estabeleceram para moralisar e organizar a sociedade, etc, etc.

Confesso que em face de tal tralhada ainda consigo saber o que os legisladores teem estabelecido—a prova vejo-a na miseria que se esconde de vergonha; na prostituição que vive legislada; nas injustiças filhas dos codigos, mas no que deus ordenou e a igreja definiu...

Se é tão vaga a idéa de Direito aliada á de jurisprudencia, como se póde fórmar com ellas a sciencia do Direito?

Sciencia é o conjuncto de principios certos e positivos de uma faculdade, methodicamente ordenados para facilitar o seu estudo.

Esta é a definição que se me affigura mais racional. Se não é certa, menos o são as de direito, que teem de tudo, menos «principios certos e positivos.»

Já Montaigne, em seus *Essais* dizia:

«As leis mantêm o seu prestigio, não porque sejam justas, mas porque são leis: tal é o fundamento místico da sua auctoridade; não tem melhor. A maioria das vezes são feitas por néscios; com mais frequencia por homens que ignoram o que seja equidade e igualdade. Não ha nada tão comum, tão pezado, nem tão erroneo como as leis.»

Pascal completa este punhado de verdade com outro feixe d'ellas:

«E' preciso occultar sempre a verdade da usurpação que foi introduzida outr'ora, mas que a antiguidade justificou. E' preciso considera-la autentica, necessaria e *occultar a sua origem*, senão ai, do futuro das leis...»

O Delicto que é noção de justiça legal, quando não é resultante d'uma perturbação da mentalidade individual determinada pelo *meio ambiente*, o que torna a lei livre-arbitrista,—é a revolta contra a injustiça da lei, e então o individuo incorre nas penas do codigo como perturbador dos convencionalismos elevados á categoria de justiça.

Insurgiu-se porque tem a consciencia de que o direito inmauente, inalienavel, superior a toda a lei que constitui a sua personalidade, não póde ser enlameado por qualquer mandarim ou mandarins.

Quanto podesse adiantar sobre a evolução dos fabricantes de leis, só serviria para enmaranhar o thema; d'ahi nova lei...

Em resumo: tudo o que tem o nome de lei, direito ou jurisprudencia foi creado para coarctar a liberdade humana. E quando não é uma iniquidade, é um bocejo; e quando não leza, atrazea e desvia.

JOSÉ SIMÕES COELHO.

### A obra franquista

Tanto alarde na opposição, tanta berrata e barafustadela, para afinal, depois de terem tudo na mão, nada fazerem, nada arranjar, nada conseguirem.

Obras completamente paradas, a avenida do Terreiro, o centro mais lindo e agradável da cidade, apresenta um aspecto desolador. Ninguém quer saber, ninguém reclama um vintem para a sua terminação.

Triste fado!

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compras a bicyclete—A OSMOND.

## O DESCANÇO SEMANAL

E A

### ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL

N'um dos dias da semana penultima, reuniu na sala da Associação Commercial e a pedido do seu presidente, os socios d'esta associação e o resto dos commerciantes da cidade, para escolherem o dia que mais lhes convinha ao descanso, para assim darem cumprimento á lei que dias depois entrava em execução. A deliberação da assembleia foi quasi por unanimidade, a não serem tres ou quatro pessoas que se manifestaram contra o domingo, dia designado no espirito da lei.

Ficou portanto assente e resolvido, que o descanso escolhido por toda a cidade fosse o domingo. No dia seguinte, á noite, appareciam quatro individuos que até ali nada se tinham importado com o dia escolhido para o descanso, andando de porta em porta colhendo assignaturas a fim de protestarem contra o que resolveu a Associação Commercial, e escolher novo dia para descanso. E como tinham por detraz d'elles quem os patrocinasse, o que é certo é que conseguiram o seu intento, levando assim a Associação Commercial um tremendo *são-ventas*, ficando até agora como vulgarmente se diz:—*fechada em cópas*.

Um jornal do Porto, em correspondencia d'esta cidade, já foi dizendo:

«Vae o diabo por aqui por causa do descanso semanal.

Depois de uma reunião na sala da Associação Commercial, onde se resolveu o encerramento dos estabelecimentos aos domingos em harmonia com o espirito da lei, apparecem agora meia duzia de gananciosos com influencia politica a impôr outra hora de descanso, e o que é certo é que esse grupo tem as melhores probabilidades em ser attendido, desprezando-se assim o que deliberou a Associação Commercial e o que concordou a camara municipal.

Não nos parece que o sr. governador civil attenda esta ultima resolução *politiquista*; no entanto, se assim succeder, o descontentamento é muito grande e o governo não terá outro remedio senão modificar a lei na parte a tornar obrigatorio o descanso dominical.

Por este motivo de *tricas e tricasinhas*, consta que muitos socios da Associação Commercial vão pedir a sua demissão, visto que ella até hoje e hoje mais do que nunca, não representa os interesses commerciaes.

Tem sido uma especie de egreja de meia duzia de individuos que a tem encaminhado a seu bello prazer.

Emfim o que fôr soará.»

A direcção d'esta associação, vendo as cousas mal encaminhadas por causa d'esta questão,

pediu a sua demissão ha dias e, tendo sido convocada a assembleia geral, a *direcção a pedido da familia* lá continua com *sacrificio*, mas com um voto de louvor e confiança, para lhe dar *gosto e prazer*.

Ao que nos consta, nenhum pediu a palavra para sensurar acremente a desfeita directa á Associação, antes pareceu estarem satisfeitos, porque na acta não ficou protesto algum apresentado pela direcção.

Quem não os conhecer!...

J. E.

### “Povo de Aveiro,»

Por ter adoecido gravemente esta semana um filho do redactor principal d'este semanario, não damos hoje as secções do costume.

## SOCIOLOGIA

### A EVOLUÇÃO DA IDÉA DE PATRIA

A idéa de patria presuppõe a solidariedade, a união, a associação entre individuos. A idéa de patria implica a de collectividade. Com effeito, não podemos conceber, e cremos que ninguem conceberá, a patria reduzida a um individuo. A patria, por conseguinte, é um conjuncto de seres, uma resultante cujos componentes são os individuos.

Não podemos conceber que haja seres que se agreguem, que se unam para formar uma associação, uma collectividade, uma resultante patria, sem que possuam caracteres communs.

Estes primeiros caracteres communs foram com certeza o logar do nascimento, ou melhor, a agrupação no meio da qual o ser nascia e se desenvolvia. A primeira patria foi a horda, a tribo, o clan. A vida em commum desenvolve uma comunidade—reforcada pelos laços de sangue, de costumes, de hábitos, de lingua, de sensações, de sentimentos, que fazem com que os homens sejam solidários uns com os outros.

São os membros dum mesmo corpo, agregado de individuos. Na horda, na tribo, no clan, sentem-se solidários uns com os outros.

Com relação ás tribus vizinhas sentem-se diferentes, quasi doutra natureza, vivendo afastados, sem outro contacto que pelas disputas e pelas guerras. Hábitos, costumes, linguas, sentimentos e sensações são dessemelhantes. São o estrangeiro, o inimigo. A patria era a ordem, a tribo, o clan.

Pouco a pouco, no andar dos tempos, quando o homem passou do estado de caçador ao de pastor e deste ao de agricultor formou-se a cidade.

Então esta cidade foi a patria. O estrangeiro, o inimigo, foi o que não fazia parte da cidade. O numero dos individuos que participam dos mesmos caracteres tem augmentado; a solidariedade estende-se sobre uma área maior, porém diminui a sua intensidade, em virtude de na cidade se haverem formado classes e castas diferentes. A patria é maior, mais ampla, contendo o sentimento patriótico menos potente, porque ha menos necessidade de ser solidario.

Da civilização vão nascendo sem

cessar novas necessidades; o commercio desenvolve-se; em consequencia disto multiplica-se o contacto entre as cidades vizinhas. Conhecem-se melhor, odeiam-se menos, até se amam. As diferenças de costumes vão desaparecendo; as linguas misturam-se; os interesses solidarizam-se em alguns casos; e a aliança, a união, formam-se mais tarde.

O pequeno Estado acaba de nascer; uma nova patria resulta deste nascimento, patria de maior territorio, com maior numero de individuos. Neste Estado, os costumes, os hábitos, as linguas, os sentimentos, tendem a unificar-se, a ser semelhantes no Norte e no Sul, em Este como em Oeste. A solidariedade diminui de intensidade.

Da extensão dos conhecimentos humanos, do commercio, da industria, nascem novas necessidades que conduzem a viajar, a travar mais frequentes relações com o estrangeiro. Dos contactos entre povos inimigos resultam guerras e devastações. Os povos penetram-se mutuamente, tendem a differenciar-se cada vez menos. Formam-se novas alianças e novas uniões. Em virtude dellas, realisa-se a união dos pequenos estados em outros maiores. As conquistas contribuem para isto em grande parte.

Nasceu uma nova patria. Superficialmente é maior que as anteriores, contém mais individuos que as precedentes. A solidariedade abarca um maior numero de seres, porém é menos intensa. Como todos os homens desta patria não teem relações diárias entre si, nem vivem no mesmo logar, nem sequer se conhecem, não se sentem immediatamente semelhantes, por mais que as diferenças se hajam attenuado consideravelmente. O laço da solidariedade existe, porém é mais frouxo porque atinge mais individuos.

Estamos actualmente neste estado de evolução e discute-se vigorosamente o *processus* que conduzirá a humanidade a um estado que tenda constantemente á uniformização de todos os homens.

Actualmente, nas nossas grandes patrias, tudo tende para o internacionalismo, isto é para a solidariedade entre as nações, para o amor dos homens, sejam quaes forem os seus costumes e o logar do seu nascimento.

Com effeito, a humanidade caminha para uma homogenização cada vez maior. Para este objectivo concorrem todos os descobrimentos do espirito humano. Os telegraphos, os telephones, rodeiam o globo com multiplos fios; os caminhos de ferro cruzam a terra em todas as direcções; os navios percorrem todos os mares; a bicycleta, agora nascida; o automovel que ensaia os seus primeiros passos; o balão dirigivel que amanhã voará pelo espaço, tudo isto diminuiendo as distâncias, fazendo que os povos se penetrem, suprima as fronteiras, assemelha as dessemelhanças.

As idéas trocam-se: os livros, as revistas, os periodicos, não ficam na patria da sua naturalidade; traduzidos ou não, vão por todos os logares levando os seus pensamentos. O Europeu de ha dois séculos não cuidava do que se passava na China, e hoje interessa-se pelo que ocorre em toda a parte. Os nossos periodicos dão-nos telegrammas do que se passa na Austrália, na America do Sul, terras por cuja situação se não interessavam os nossos avós.

Gracas ao commercio e á industria, actualmente, um habitante de Bordéus ou de Saint-Malo interessa-se mais pelo que se passa no Rio de Janeiro ou na Terra Nova do que pelo

que se passa em Carpentras ou Landernau, que estão a poucos passos. Um successo europeu faz echo na America, provoca um phenomeno que affecta a Austrália, e disto resulta uma nova resonancia na Europa.

Se considerarmos as artes, as sciencias, as letras, veremos que o mesmo phenomeno se produz. A permuta é cada dia mais frequente; as relações dos artistas, dos sábios, dos litteratos, são cada vez mais numerosas por cima das fronteiras.

A litteratura franceza soffre a influencia dos russos Turgueneff e Tolstoj; dos escandinavos Ibsen, Bjorson, e, por sua vez, influe sobre as litteraturas hespanhola e inglesa.

Os nossos pintores ensinam aos ingleses e americanos, os nossos impressionistas são productos mais ou menos distantes de Turner. Nos laboratorios dos nossos chimicos e dos nossos physicos estudam os sábios de todos os países, e os nossos vão estudar nos laboratorios doutras pátrias.

Ha nestas trocas um entrelaçamento tal que é difficil determinar a parte que a cada um corresponde. O mais, pouco importa, porque a obra de homogenisação realisa-se por todas estas fórmas. No immenso laboratorio terrestre elabora-se pouco a pouco a união de todos os povos, o amor de todos os homens sem distincção.

Nesta obra que Jesus preconizava ao dizer que todos os homens eram irmãos, nesta obra que Littré predisse quando escreveu que o porvir pertencia ao cosmopolitismo, nesta obra que Chevreul affirmou dizendo: «As nações estão destinadas a fundir-se para formar uma única que derribará as fronteiras», nesta obra, repito, trabalham até o exercito e o estado.

O exercito reunindo homens de logares, classes, e castas differentes, identifica-os. O estado, augmentando as relações entre os povos, provocando trabalhos em países estrangeiros, faz com que os homens sejam menos dessorrelhantes. E estas potencias noutras coisas tão nocivas, concorrem para a formação do internacionalismo que, estendendo a solidariedade a todos os homens, provocará a desappareição dos exercitos, e, por consequente, do systema capitalista incluindo o estado.

O internacionalismo é a união de todos os povos. E' este o longiquo objectivo para o qual tende a humanidade; porém será necessario passar antes disso por a união de todos os povos dum mesmo continente, depois pela união dos povos duma mesma especie, e por último, pela união de todos os homens independentemente de raças e de especies.

O processus dos phenomenos sociais trará inevitavelmente o internacionalismo; todas as phraseologias declamatorias não conseguirão tirar o sentido a isto. Ser internacionalista é querer que o amor una a todos os homens em lugar de ver o odio separá-los; ser internacionalista é pedir a união de todas as nações, não a absorpção duma por outras mais poderosas.

Se a tendencia que nos mostram os phenomenos sociais é para a homogenisação dos povos, o exame destes mesmos phenomenos sociais demonstra, ao mesmo tempo, uma tendencia para a heterogenisação.

Os homens tendem a conservar, a desenvolver a sua individualidade, ao mesmo tempo que tendem a absorver, a englobar, as individualidades visinhas. O mesmo sucede com as nações, agregado de individuos. As influencias sociais, climáticas e tellúricas, obram segundo a sua natureza nestes dois sentidos. Os ambientes cósmicos, obrigando-nos a alimentações differentes, mantêm as dessemelhanças, ao passo que o commercio e a industria, permitindo alimentações semelhantes em logares differentes, empurram para a homogenisação. Compreende-se que as condições climáticas, tellúricas, sociais, etc., não possam ser as mesmas em todos os logares; haverá, pois, differenças, entre gentes que vivam em logares differentes. Ir-se-hão attenuando no futuro como se têm attenuado no passado, ninguém duvida, porém durante muito tempo, acaso para sempre, continuarão existindo. O internacionalismo não perigará por isso; o que importa, o que é preciso, é a união de todas as nações, a solidariedade, o amor a

todos os homens em lugar da guerra e do odio. E' um nobilissimo ideal. Como observou Jules Delafosse, preferir a humanidade á pátria é ter uma comprehensão mais nitida da idéa da solidariedade. «Ha, disse Malby, uma virtude superior á da patria, e esta virtude é o amor da humanidade».

Professemos esta virtude, e como Schiller, obremos como cidadãos do mundo, troquemos a nossa patria pelo género humano, pois, como escreveu Renan, antes de se ser francês ou allemão, é-se homem.

A. Hamon.

GARRAIADA

E' hoje que tem lugar a garraida promovida pela «Sociedade Recreio Artístico», reinando grande enthusiasmo entre os socios d'esta collectividade que tomam parte na corrida, que estão dispostos a não se deixarem desmerecer de seus creditos conquistados ha dois annos na praça do Pharol, em que jamais houve memoria de se verem lidadores com tamanha temeridade e arrojo.

Agradecemos muito reconhecidos a offerta do bilhete, bem como do engraçado programma da tourada.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

O assignante n.º 269 é o sr. dr. Antonio Gomes, morador na rua das Flores — Pharmacia Gomes, Porto. Mandámos-lhe o recibo por mais do que uma vez. Veio sempre devolvido com a nota: «procurado e não encontrado». Escrevemos-lhe pedindo o favor de liquidar o seu debito. Não respondeu. Não respondia, não devolveia o jornal, não pagava. Ora se devolver o jornal sem pagar é illegitimo, muito mais o é nem devolver o jornal, nem pagar. Nestes casos, recorremos ao expediente de juntar o numero d'esse assignante aos numeros d'outros que estavam em atrazo pedindo d'aqui a todos esses cavalheiros muito delicadamente, sem melindre, pois ninguém sabia a quem nos referiamos, o favor de liquidarem os seus debitos, já que os correios declaravam não os encontrar. Quasi todos responderam, ou pagaram, o que agradecemos. Foi o sr. dr. Antonio Gomes dos poucos que tem resistido a successivas chamadas. E esta semana devolveu-nos o jornal, SEM PAGAR O QUE DEVEIA.

«Pelo dedo se conhece o gigante». Ha factos que definem mais do que todas as palavras. Este é um d'elles.

Aos assignantes n.ºs 500, 487, 43, 242, 236, 386 e 834 continuamos a pedir o favor, — embora nos pareça que já era tempo de nos pouparem a repetição do pedido — de mandarem sem demora pagar as suas assignaturas.

**José Maria Soares**  
medico e cirurgião pela Escola Medico-Chirurgica do Porto

**CLINICA GERAL**

Consultas todos os dias das 10 h. em diante

Chamadas a qualquer hora

R. dos Mercadores — AVEIRO

OS ACONTECIMENTOS DE MARROCOS

A proposito dos ultimos acontecimentos de Marrocos—de que tanto se tem occupado a imprensa diaria—encontrámos esta opinião do novo sultão, que póde julgar-se pelas declarações seguintes:

—Sou sultão. E' de justiça, porque sou mais digno do que Moulay-Abd-el-Aziz, o qual, pela sua fraqueza, permittiu aos estrangeiros dividir Marrocos, e, pela sua traição, vendeu o paiz á França. Incontestavelmente os acontecimentos de Casa Branca occorreram com a sua approvação. Os francezes, para desembarcar, mostraram aos representantes das auctoridades uma carta do sultão, contendo a ordem de os acolher. Sim, em lugar de um sultão sem auctoridade, incapaz de fazer alguma coisa sem os europeus, impotente mesmo para os proteger, um novo sultão appareceu que dominará em Marrocos, de norte a sul, que fará reinar a ordem e a prosperidade e a quem a Europa deverá proteger.

Resta saber se o novo soberano será reconhecido pelas potencias e se elle, por seu turno, acatará as resoluções do seu antecessor Abd-el-Aziz. Volta a falar-se na guerra santa, mas essa arenga está limitada a meia duzia de fanaticos, que desconhecem como a melinite estala nas fileiras do inimigo. Tambem se ignora como as restantes tribus feis receberão a auctoridade do novo sultão. Entretanto, presume-se que toda a população de Fez o acclamará, deixando partir para Mecque seu irmão Aziz, acompanhado por metade das suas mulheres.

Hafid enviará, dentro em pouco tempo, algumas tropas a Fez, sob o commando do caid Glasui.

Todos os europeus e os consules de todas as nações deviam abandonar Fez, no domingo, sendo a casa do correio fechada n'esse dia.

Os arabes d'esta cidade estão furiosos, alguns d'elles parecem doídos. As cabilas dos arredores de Sefron, villa situada a tres léguas de Fez, revoltaram-se contra o makhzem; cercaram Sefrou e exigiram uma avultada quantia em dinheiro senão saqueariam a villa. Os oulemas e os negociantes não deixaram Fez junto com as colonias europeas; partiram no dia seguinte.

Os habitantes d'esta cidade estão contrariados pela partida dos europeus, receosos do que possa succeder na ausencia d'estes. A lição da Casa Branca aterra-os, mas não lhes desvanece o odio e o rancor que elles reservam aos christãos e ao progresso. O proprio expachá de Casa Branca teve de desembarcar de noite, ás occultas, do «Nive» e embarcou logo para o «Jeanne d'Arc».

As ultimas noticias de El Qçar não são satisfactorias. Uma carta participa que a cidade está sobressaltada, por causa de numerosos desertores que ali se refugiam, estabelecendo o panico. A mehalla, que se achava a oito horas da cidade, está completamente desmoralizada.

Alguns negociantes inglezes, representando a colonia de Tanger, reuniram-se na tarde de 26, para redigir um telegramma de protesto e enviá-lo ao Foreign-Office, reclamando medidas de protecção mais completas, na eventualidade de attentados em Tanger. Os inglezes são de opinião que o «Jeanne d'Arc» e o «Numancia» são evidentemente insufficientes em caso de desembarque occasionado por uma circumstancia qualquer. Tambem pediram á sua legação que venham navios inglezes de Gibraltar.

E' positivo que o novo sultão Moulay-Hafid deixou Marakech e está a caminho de Casa Branca, desconhecendo-se quaes sejam as suas intenções.

Os europeus de Fez são esperados em Larache, onde embarcarão no cruzador francez «Du Chayla» com destino a Tanger—única cidade onde parece haver ainda uma apparente segurança.

Confirma-se que o general Druide, com 3.000 homens, 8 canhões e varias metralhadoras, tomaram a offensiva contra os mouros acampados actualmentem em Feddard, onde possuem, accumulados, viveres e munições em grandes quantidades. O chefe da columna franceza propõe-se occupar, depois, as colinas que rodeiam a actual posição das tropas e os mananciaes de aguas potaveis.

Alguns jornaes francezes já se referem á provavel indemnisação de guerra, no caso da suspensão das hostilidades. Essa indemnisação, é claro, será de mutuo accordo com a Hespanha, que tem seguido de perto a lucta, posto que n'ella não tenha tomado parte.

Nos estaleiros de Carraca, Hespanha, activa-se a conclusão dos concertos da canhoneira «Dona Maria de Molina», que se destina a substituir o «D. Alvaro de Bazan» em Casa Branca.

A não ser certos remoques de um ou outro jornal allemão ou hespanhol, a imprensa internacional apoia unanimemente a acção da França no imperio marroquino, e o proprio imperador Guilherme, n'um banquete dado ha dias em sua honra, em Hanover, deixou transparecer os seus arreigados desejos de paz mundial.

Ainda ha dias o ministro dos estrangeiros de Inglaterra fez constar a seguinte nota:—«Os governos francez e hespanhol estão encarregados, e a elles compete, tomar as medidas necessarias para manter a ordem e os portos abertos em Marrocos, e o governo inglez tem plena confiança nos accordos que adoptaram aquellos paizes, tanto para manter a convenção de Algeciras, como para proteger a vida e a propriedade dos europeus, seja qual for a sua nacionalidade.»

A recente instituição do hospital em Marrocos, para feridos francezes e hespanhoes, pelo barão Henrique Rostchild, causou a melhor impressão, como é natural, e o governo hespanhol recommendou ao seu consul em Tanger a maior solicitude a tão humanitaria empreza.

Os «gourmiers» que ha dias desembarcaram com as tropas francezas são indigenas algerianos, especialmente recrutados para as operações; são equipados, armados e alimentados, elles e os seus cavalos, recebendo de soldo dois francos por dia, tendo tambem o direito ás razzias, que são auctorizadas a effectuar no territorio inimigo.

POVO DE AVEIRO

Vende-se nas seguintes localidades:

LISBOA

**Tabacaria Monaco, ao Rolco. Tabacaria Americana, ao Chiado. Tabacaria Duarte, rua de S. Paulo 97. Tabacaria Silva, rua D. Carlos 1, 102-104. Tabacaria Fillmino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto a drogaria Falcão). Havaneza d'Alcantara, Mercado d'Alcantara n.º 6.**

COIMBRA

**Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.**

**CENTRO FOTOGRAFICO PORTO**  
R. SÁ DA BANDEIRA—135

TROVOADA

Um tufão.—Desastre.—ESTRAGOS  
Na segunda-feira passada n'esta cidade ficou tudo verdadeiramente aterrorizado. Um furacão que parecia querer levar tudo na sua frente, appareceu-nos de surpresa, pelas 6 horas e meia da tarde, d'envolta com uma tremenda trovoadas que parecia não ter fim.

Como se desse o caso de nã Gafanha ser um dia de festa muito tradicional, o da Senhora da Nazareth, foi d'aqui muita gente, desprocedadamente em bateiras, até áquelle logar, gosando as soberbas riquezas da nossa ria. A' volta, então, o furacão, apanhando os pequenos barcos na ria, fez submergir immediatamente uns, outros arremeçou-os de encontro á terra pela impetuosidade da ventania, n'uma furia doida, como querendo desfazer-se de tudo aquillo.

Pelas ruas da cidade e talvez nas terras circumvisinhas, levantou, com a sua força enormissima, uma grande nuvem de poeira que cobria o solo, envolvendo os transeuntes que não sabiam para onde fugir, porque não viam coisa alguma, não podendo respirar porque o pó era asphixiante, cambaleando corriam, emfim, ás cegas, gritando sempre, principalmente creanças que não tinham o raciocinio de se refugiarem em qualquer portal que estivesse aberto.

Os gritos partiam afflictivamente em todas as direcções, em supplica de socorro, parecendo o verdadeiro fim do mundo.

Até agora não nos consta que haja morte alguma a lamentar, comquanto os estragos em algumas partes tenham sido grandes. No jardim foram muitas arvores derrubadas pelo tufão, apparecendo na manhã seguinte como se lá se tivesse dado uma grande batalha.

O desastre mais importante a lamentar foi a fractura d'uma perna, pelo artelho, ao sr. João Serafim Rodrigues Pereira, proprietario da alquilaria proxima ao mata-douro, que, vindo a descer com toda a pressa uma escada de mão que estava junto a uma parede d'uma obra, tomou, occasionando o desastre ao sr. Serafim.

Na Costa Nova o furacão apanhou a barca que ia atravessando a ria, voltando se immediatamente, correndo grave risco quatro passageiros que iam dentro.

Na barra, por pouco o furacão não apanhou os pequenos barcos que costumam andar ao mexoalho lá fóra no mar, pois tinham recolhido meia hora antes.

Os antigos dizem que nunca viram um furacão tão violento.

Mercado de Aveiro.

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

|                              |        |
|------------------------------|--------|
| Feijão branco (20 litros)... | 1\$120 |
| » encarnado.....             | 1\$200 |
| » manteiga.....              | 1\$000 |
| » amarello.....              | 1\$100 |
| » misturado.....             | 720    |
| » caraça.....                | 1020   |
| » frade.....                 | 900    |
| Milho branco.....            | 760    |
| » amarello.....              | 780    |
| Trigo gallego.....           | 1\$060 |
| » tremez.....                | 920    |
| Batatas, 15 kilos.....       | 330    |
| Ovos, duzia.....             | 150    |
| Centeio.....                 | 700    |
| Cevada.....                  | 600    |

IMPRESSÕES DE VIAGEM

O QUE EU VI E OUVI ATRAVEZ DO EGYPTO E DA VELHA EUROPA

Vendem-se n'esta redacção, por 800 réis, os dois bellos e excellentes volumes d'esta publicação, escripta pelo nosso illustre correspondente José de Souza Larcher.

O "INDEX ROMANUS,"

Algumas notas relativas a livros modernos n'elle inscriptos — Livros portuguezes modernos por elle condemnados — Summario das regras do Index.

«Amplissima, senão infinita, é a liberdade de pensamento, e quando a consciencia o dispára como seta aguda ao alvo da felicidade, não ha auctoridade humana que o possa anteparar.»

Estas palavras escrevia, ha setenta annos, o grande Antonio Feliciano de Castilho no hymno entusiastico de liberdade e sincera profissão de fé christã, que é o admiravel *Prohemio* da sua versão magistral das *Paroles d'un croyant* do padre Laménais.

«Quando a liberdade», — prosegue o inegualvel mestre da nossa lingua: — «quando a liberdade, que por ora apenas balbucia á roda do seu berço, se tornar adulta, e recebendo a corôa que por Deus lhe está destinada desde a origem dos seculos, se desposar com o mundo, então custará a comprehender como houvesse restricções sancionadas para a palavra humana.»

Aquelle consorcio ainda vem longe, e de todas as liberdades, continuam a excitar especialmente os pruridos tyrannicos dos seus inimigos, a liberdade do pensamento e a da palavra.

Os antigos gregos e romanos, a despeito da luz deslumbrante de tantos cerebros cujas scintellas, atravessando dezenas de seculos conseguem assombrar-nos, tinham leis severas relativas aos livros. Mais de duzentos annos antes de Christo, foram queimadas na praça publica, em Athenas, e por ordem superior, como hoje se diria, as obras do philosopho Protagoras. Em epoca muito menos afastada era frequente, por determinação do Senado, a destruição de livros inculcados de contrarios á fé.

No decorrer do tempo, e á sombra da religião conciliadora e egualitaria do mesmo Christo, chegou-se até ao extremo de lançar ás chamas não só a obra, mas tambem o auctor d'ella; e em muitos casos bastava tão somente traduzir-se em simples palavras o pensamento reputado heretico, para servir de pasto ás fogueiras de um auto de fé.

A igreja catholica iniciou oficialmente a questão do Index, no quinto concilio de Latrão, comquanto em 1491 já existisse uma *Lista de livros prohibidos*. Em 1546 publicaram outra, mais extensa, os theologos da universidade de Lovaina. Foi este catalogo que serviu de base á primeira edição do *Index Romanus*, cuidadosamente elaborada pelo papa Paulo IV e dada a lume em 1559. Entre esta primeira e a mais recente, que data do anno de 1900, teem sido impressas, em Roma, mais de quarenta edições do *Index*.

O papa Leão XIII organison duas. A elle se devem as actuaes regras do *Index*, em vigor desde 1897, mas que Pio X se mostra disposto a tornar mais severas. Leão XIII tinha seguido o caminho opposto. Suavison as que existiam, mórmente no tocante á legislação penal, e levantou o anathema que sobre muitas obras pesava. Ainda assim, o ultimo *Index* regista uns seis mil titulos.

Quem folheia aquelle *purgatorio* litterario, estaca a miudo, n'uma exclamação de pasmo, ao topar entre os condemnados antigos conhecidos e amigos, tidos e havidos por inoffensivos mortaes.

Admitte-se, attentas as circumstancias, — on, pelo menos, comprehende-se —, que *Lo scandolo del Vaticano regio*, de Carlo M. Curci; *Les erreurs scientifiques de la Bible* de E. Ferrière; *Les phénomènes hystériques et les révélations de Sainte Thérèse*, de G. Hahn; *Happiness in Hell* («A felicidade no Inferno»), de St. George Nivart; *Venere al tribunale d'ella penitenza*, de O. Gnocchi-

Viani; e mais livros semelhantes fossem condemnados pela congregação do Index. Mas deve produzir até a sensação de uma irreverencia, encontrar incluídos no mesmo rol de gafos, as *Paroles d'un croyant*, acima citadas, (que por sinal tiveram as honras de condemnação especial, pela encyclica de Gregorio XVI, com data de 25 de junho de 1834) e outras obras do mesmo auctor; o *Curso de direito natural*, de H. Ahrens; *Le lendemain de la mort*, de L. Figuiet; *Notre-Dame de Paris*, de Victor Hugo; as *Cantões*, de Béranger; *Jocelyn*, *La chute d'une ange*, *Souvenirs, impressions, pensées et paysages pendant un voyage en Orient*, do casto Lamartine; *Le culte de la croix, avant Jésus Christ*, por Ansault; a obra de A. Fuchs; *Ohne Christus, Kein Heil für die Menschheit in Kirche und Staat* (*Sem Christo, não ha salvação para a humanidade, quer na Igreja, quer no Estado*); a *Historia da litteratura inglesa*, de H. Taine (!); *L'amour* e outras obras de Michelet; os *Elementi d'igiene* (!); *Fisiologia dell'amore*, e outros livros de Mantegazza; encyclopedias e dictionarios, taes como: o Larousse, o *Diccionario de historia e de geographia*, de Bouillet, que teve de submeter-se a varias imposições para, a partir da 10.<sup>a</sup> edição, conseguir ser eliminado do *Index*; a *Nouvelle biographie classique*, de L. Barré; as *Cento biografias de fanceulli illustri italiani*, de G. M. Bourrelly; o *Diccionario de economia politica*, publicado sob a direcção de Ch. Coquelin e Guil. laumin, até á edição correcta; a *Encyclopédie moderne*, etc.

A economia politica merece especial aversão á congregação do index. Nem escapou a *Political Economy* de Stuart Mill.

Alguns auctores, como Zola, são sacrificados na totalidade das suas produções. Junto do nome do auctor da *Faute de l'abbé Mouret*, lá está bem claro: *Opera Omnia*.

De outros, são apenas condemnados os romances amorosos: *Omnes fabulas amatorias*, como dizem os censores. Estão n'este caso: Balzac, Dumas pae e filho, Mürger, (portanto a *Bohème*), Stendhal, Eugène Sue.

De Flaubert, são unicamente designados: *Madame Bovary* e *Satanstambé*.

As obras portuguezas modernas, cuja leitura a igreja prohibe aos fieis, são as seguintes, uma das quaes, principalmente, deve surpreender o leitor:

— O invento *Abel Parente*, no ponto de vista do direito criminal, da moral publica e da medicina clinica, por Francisco de Castro. (Condemnado em 1895).

— *Memoria lida perante o conselho de instrucção publica*, por J. Damasio Fragoso. (Index, em 1888.)

— *A luz e as trevas*, Sermão do Espirito Santo, por J. de Monte Carmel. (Index em 1876).

— *Neurose mystica*, por Americo Raposo. (Index em 1895).

— *Gauganelli*, por Joaquim S. Martinho. (Index em 1876).

— *A sagrada congregação do concilio*, por José Maria Rodrigues. (Index em 1890).

Espanta-se, por certo, quem encontra tão avultado numero de obras inoffensivas inscriptas no Index, mas a admiração sóbe de ponto, quando se lêem as regras por que se devem guiar os encarregados de julgar as produções litterarias, e chegamos a duvidar de que ainda possa escapar alguma, ao gladio dos rigorosos juizes.

Seria longo reproduzir minuciosamente as regras geraes do *Index*. Basta porém uma nota summaria, para se avaliar as peias que o Vaticano lança ás revellações do pensamento.

São prohibidos: os livros religiosos escriptos por qualquer individuo que não professe a religião catholica; certas edições da Biblia, embora publicadas por catholicos; livros considerados immoraes, em cuja cathogoria vão incluídos os classicos antigos e modernos, excepto quando expurgados; outros livros reputados nocivos á religião taes como: aquelles que injuriam

a Deus, a Virgem Maria, a igreja catholica e o seu culto, os sacramentos ou a Sé apostolica.

Não é permitido publicar, lêr ou conservar livros que ensinem ou recommendem a magia, a necromancia (especialmente o espiritismo), adivinhar o futuro e analogas praticas supersticiosas; obras ácerca de novas apparições, de visões, revellações ou milagres, excepto com licença prévia das auctoridades ecclesiasticas; e bem assim os livros ou escriptos que pretendam divulgar novas devoções. Estas prohibições estendem-se a qualquer outra publicação não typographica como por exemplo, manuscritos reproduzidos pela lithographia ou por qualquer outro processo mechanico, e tambem a artigos de revistas ou de jornaes, as folhas avulsas, etc. São igualmente inscriptas no *Index* as obras que admitem o duello, o suicidio e o divorcio; as que tratem de maçonaria ou d'outras sociedades secretas semelhantes, apresentando-as como uteis, ou não nocivas á igreja e ao Estado. Até as gravuras representando imagens de santos, os livros de orações, os que tratem de doutrina ou educação religiosa, de moral, de ascése, de mystica, e assumptos da mesma natureza, embora pareça que contribuem para propagar e avigorar os sentimentos religiosos, são considerados como prohibidos, se saírem a publico sem o *imprimatur*. O anathema do *Index* abrange tambem os jornaes e outros periodicos que atacam systematicamente a religião e os bons costumes. Leão XIII insistiu especialmente n'este ponto, determinando que: «nenhum catholicos, mórmente se for ecclesiastico, devia publicar escripto algum em taes folhas, sem motivo razoavel e justificado.» Prohibia tambem aos padres a direcção de jornaes ou quaesquer periodicos, sem prévia auctorisação do bispo.

(Das «Novidades».)

FREITAS BRANCO.

HORARIO DOS COMBOIOS

DE LISBOA AO PORTO

|                    | Omn. Tram. Omn. Rap. Cor. |       |       |       |       |
|--------------------|---------------------------|-------|-------|-------|-------|
|                    | M.                        | T.    | M.    | T.    | T.    |
| Lisboa (Roc.)      | 8,35                      | —     | 1,50  | 5,30  | 9,3   |
| Entronc. . .       | 11,54                     | —     | 4,55  | 7,3   | 12,19 |
| Coimbra . . .      | 3,36                      | 9,4   | 8,28  | 8,57  | 4,6   |
| Pampilhosa . . .   | 4,9                       | 9,34  | 9,20  | 9,13  | 4,35  |
| Mogoforos . . .    | 4,52                      | 10,14 | 9,40  | —     | 5,45  |
| O. do Bairro . . . | 5,3                       | 10,27 | 9,51  | —     | 5,15  |
| Aveiro . . . . .   | 5,33                      | 11,1  | 10,19 | 9,53  | 5,45  |
| Estarreja . . .    | 5,58                      | 11,23 | 10,42 | —     | 6,5   |
| Ovar . . . . .     | 6,18                      | 11,54 | 11    | —     | 6,24  |
| Espinho . . . .    | 6,43                      | 12,34 | 11,24 | 10,35 | 6,46  |
| Gaya . . . . .     | 7,19                      | 1,23  | 11,58 | 10,57 | 7,20  |
| Porto (S. Bt.)     | 7,46                      | 1,51  | 12,22 | 11,16 | 7,47  |

DO PORTO A LISBOA

|                  | Omn. Rap. Omn. Rap. Cor. |       |       |       |       |
|------------------|--------------------------|-------|-------|-------|-------|
|                  | M.                       | T.    | M.    | T.    | T.    |
| Porto (S. Bt.)   | 6,35                     | 8,49  | 2,45  | 5     | 8,44  |
| Gaya . . . . .   | 7,6                      | 9,11  | 3,19  | 5,21  | 9,19  |
| Espinho . . . .  | 7,30                     | 9,28  | 3,40  | 5,38  | 9,46  |
| Ovar . . . . .   | 7,52                     | —     | 3,59  | —     | 10,13 |
| Estarreja . . .  | 8,13                     | —     | 4,16  | —     | 10,33 |
| Aveiro . . . . . | 8,36                     | 10,8  | 4,37  | 6,16  | 10,55 |
| O. Bairro . . .  | 9,6                      | —     | 5,4   | —     | 11,25 |
| Mogoforos . . .  | 9,17                     | —     | 5,15  | —     | 11,37 |
| Pampilhosa . .   | 9,35                     | 10,45 | 5,31  | 6,51  | 11,57 |
| Coimbra . . . .  | 10,19                    | 11,1  | 6,1   | 7,15  | 12,31 |
| Entrocan . . .   | 1,47                     | 12,55 | 8,52  | 9,9   | 3,24  |
| Lisboa . . . . . | 5,7                      | 2,40  | 11,58 | 10,50 | 6,25  |

Tramways. — Do Porto para Aveiro — Partida de S. Bento, ás 9,47 da manhã, chegando a Aveiro ás 12,15 da tarde. Partida de Aveiro: de manhã, ás 3,54, chegando a S. Bento ás 6,32. Outro ás 6,25 da tarde, chegando a Aveiro ás 8,58. Outro ás 11,1 da manhã, chegando ao Porto á 1,51 da tarde.

Annunciam de Vienna d'Austria um caso bastante curioso, de que se tem occupado toda a imprensa hungara.

O caso deu-se com o apreciado artista dramatico Mr. Bizvari do theatro nacional de Budapest.

Quando ia deitar-se, Mr. Bizvari, cuja familia estava em Veneza para tomar banhos, reparou que o relógio que estava sobre o fogão havia parado.

Chamou uma velha governante para perguntar a hora e a creada ve-

nificou que todos os relógios em casa não trabalhavam, marcando todos a mesma hora. Segundo a tradição muito conhecida na Hungria era signal de grande fatalidade.

Com effeito, pouco depois, o sr. Bizvari, recebia um telegramma annunciando que sua esposa tinha morrido d'uma infecção intestinal produzida por uma porção de peixe em mau estado que havia comido ao jantar no hotel de Veneza.

AO PUBLICO SUCCURSAL DA PADARIA DOS ARCOS NA COSTA NOVA

MANUEL Barreiros de Macedo, proprietario da acreditada padaria dos Arcos, abriu uma succursal na sua casa na Costa Nova (proximo á Molta) onde o publico durante a epoca balnear encontrará a qualquer hora do dia PAO DE FINA QUALIDADE e generos de mercearia, taes como: assucar, chá, café, arroz, massas, vinhos finos, cerveja, e outras bebidas; tudo por preços modicos.

Recomendamos, pois, este estabelecimento, não só pela mocidade de preços, como tambem pelo esmero e acceio de todos os generos.

O "DIABO," Ultima novidade de Paris

O «diabo» é a grande loucura que de todos se apoderou em Paris, novos e velhos, pobres e ricos, grandes e pequenos, homens e mulheres; todos jogam o «diabo» com verdadeira paixão, com encarniçamento.

Todavia, o jogo nada tem de divertido; chega a ser aborrecido, monotono, sem incidentes nem variantes. . . até perigoso; e o seu perigo consiste em que, ao passar na rua, pelas avenidas do Bosque, pelas Tulherias ou pelo Luxemburgo, quando menos se espera. . . zás, cae-nos em cima o espantallo, como se fosse uma telha ou um vaso de flores. Nada de zangas. E' o «diabo». Toca a sorrir.

Apparece em toda a parte o mafarrico: entra-nos pelas janelas, cae-nos sobre a cabeça no «terrace» do café, esborraça-nos o chapéu nos electricos, sem que ninguém recalcitre, nem se amue. Demais, ha jogadoras tão galantes, tão gentis!

O «diabo» é o jogo da moda, e, como o golfo, o tennis, o patin, elle conta já os seus virtuosos. Até ha virtuosos do diabo, que fazem verdadeiras loucuras com esse estafermo incommodo, que lhes cae das alturas inverosimeis e o aparam habilmente ao cahir no fio, voltando a arremessal-o de novo para o recolher outra vez e assim successivamente. Até já surgiu um medico em sua defeza, affirmando ser um jogo muito hygienico, uma gymnastica muito saudavel, desenvolvendo o peito com esses movimentos de lançar e recolher o «diabo.»

Tambem houve um concurso a premios extraordinariamente concorreido, em que uma dama conseguiu lançar o «diabo» 58 vezes consecutivas á altura de um quinto andar, voltando a recolhel-o! E' divertido, pois não é?

Mas, o que é verdade, é que os arremessos do tal «diabo» constituem um perigo tão temivel como ser atropellado por um electrico ou por um automovel. D'ahi, a policia entendeu tomar

algumas precauções contra o jogo do «diabo» no interior da capital, não o auctorizando senão nas praças amplas e nos jardins.

Não obstante, o furor do «diabo» continua em todo o Paris e não ha muito que uma mulher, proprietaria de uma loja, abandonou o balcão, armou as gafas e tratou de lançar no espaço o «diabo» correspondente. E' uma vertigem que se apoderou de toda a gente pelo jogo da moda, mas a que lhe falta o attractivo e o interesse. O que não impede que em breve tenhamos o «diabo» naturalmente a fazer diabruras em Aveiro.

— Mas em que consiste o «diabo?» perguntarão os leitores curiosos.

Vamos satisfazer-lhes o interesse, sem deixar de notar que esse simples objecto tem feito a fortuna dos seus fabricantes na capital. O «diabo» compõe-se de dois pausitos unidos por um cordel e de um pedaço de madeira revestido de latão, simulando a forma de uma ampulheta ou relógio de areia.

Nada mais constitue o «diabo».

SAL.—O wagon de sal vende-se actualmente a 303000 réis posto na estação do caminho de ferro d'esta cidade.

PUBLICAÇÕES

A' RÉDEA SOLTA

Este periodo de praias, de thermas, de campo, constitue como um interregno na vida activa d'uma parte da população do paiz. Para ajudar a passar esse tempo de *villegiatura*, organisou Eduardo de Noronha uma collecção de contos escolhidos, portuguezes e estrangeiros. E' um bonito volume de mais de duzentas paginas, que abre a servir-lhe de bandeira protectora, com um conto de Camillo Castello Branco, seguindo-se-lhe depois sete contos e narrativas do proprio organisador e sendo completado por oito deliciosos contos de Andersen, Balzac, Guy de Maupassant, Sarah Bernhardt, Bonnetont, Tinsseau, Schlumberger e Rivière. O ultimo, *O Assassino*, é um dos melhores e dos mais emocionantes trechos que teem apparecido no nosso idioma.

França Amado, o sympathico e intelligente editor de Coimbra, esmerou-se n'esta edição, que rivalisa vantajosamente com qualquer das suas congéneres estrangeiras, pela belleza do conjunto e modicidade do preço, pois apenas custa 300 réis, o que representa um verdadeiro esforço de bem servir o publico.

Artigos photographicos,

POR PREÇOS MODICOS,

Vendem-os Felix, Filhos

A VEIRO

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

R. da Boa Vista, 3 — Lisboa

Quereis possuir a melhor bicycleta do mundo? Compre o **OSMOND**.

**FÁBRICA DOS SANTOS MARTYRES**

DE **CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.<sup>a</sup>**

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras. Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

**ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA AVEIRO**

**METHODO JOAO DE DEUS**

**LEITURA**

- Primeira parte—**Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**—18.<sup>a</sup> ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 58000
- Quadros Parietaes**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 68000
- Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—1.<sup>a</sup> ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Guia prático e teórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. 150

**ESCRIPTA**

- Arte de Escripção**—cada caderno, 30
- Livros de polémica sobre o Methodo**
- A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500
- A Cartilha Maternal e a Critica**..... 500

Do mesmo auctor:

**LITTERATURA**

- Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.<sup>a</sup> ed., (esgotado), 700
- Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga 800

**DEPOSITO GERAL**

**Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.<sup>o</sup>—LISBOA**

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

**DESCONTOS**

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.<sup>o</sup> (à Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

**E FERRAGENS**

**ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)**

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alviades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

**RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO**

**MATERIAS PARA CONSTRUÇÕES**

DE **Antonio da Costa Junior**

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás sauihas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejus de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade. Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

**HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO**

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despezas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

**Feltios quasi de graça só na Oficina de alfaiate**

DO **ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO**  
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

**Cobrança de pequenas dividas**

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remetidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

Especialidade em cartões de visita

**POVO DE AVEIRO**

TYPOGRAPHIA

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

—DE—

**Albino Pinto de Miranda**

(LARGO DE MANUEL MARIA)

**AVEIRO**

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

**Pechinchas para liquidar:**

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

SANGALHOS

**V**ENDEM e trocam relógios de bolso e de sala.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

**Alugam-se bicycletas**

Jose Maria Simões & Filhos

**ANADIA—SANGALHOS**

**MACHINAS "PFAFF"**

—E—

**BICYCLETES OSMOND**

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicycletas e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicycletas, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua) uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicycletas e seus accessorios e bem assim, anexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicycletas. Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

**Aveiro, Largo do Espirito Santo**

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

**JOSÉ AUGUSTO REBELLO**

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicycletas tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.